

Paralisia atinge todo o Congresso

Não é só o PMDB que vive uma crise de imobilismo. A paralisia atinge a vida partidária como um todo. A sucessão presidencial, pela sua importância, está reduzindo a ação política. Afora o acordo entre o PDS e o PTB, nada mais aconteceu. A classe política está na angustiante espera do desfecho sucessório, fingindo-se de morta, com medo de colocar em risco o retorno ao Poder que prenuncia no evento de um futuro presidente civil.

Depois das eleições de novembro, o PMDB ganhou novas características. Agora, também é governo. E como a fase é de transição, não conseguiu acomodar ainda uma solução para o seu dilema: será eleitoralmente mais importante daqui há quatro anos, a reafirmação como partido de combate ao regime, como sempre se identificou junto ao eleitorado, ou o bom desempenho dos seus governadores?

No PDS esse dilema sempre foi resolvido em favor dos governos, estaduais ou federal. Mas não deu certo. O partido perdeu substância e definhou eleitoralmente, desde os tempos de Arena. Hoje, o corpo partidário pedessista procura reagir e equilibrar a balança. O processo de solução dessa equação no PMDB, ao contrário de paralisar o partido, poderia lhe devolver o dinamismo, a empolgação dos debates. O fato porém, é que o problema não está sendo discutido. A sucessão presidencial, dado sua indefinição, até quanto as regras do jogo, bloqueou o livre jogo de interesses dentro do PMDB.

E tem mais. Governadores fora, nem mesmo o corpo partidário está reagindo numa área que tem autonomia para fazê-lo. Isto vale para o PMDB e os outros partidos, sem exceções. Os parlamentares têm reduzidíssimo peso nas decisões, não chegam a influenciar mais acentuadamente nem nos governos estaduais que ajudaram a eleger, por uma razão simples, não tem poder de fogo, os seus votos isoladamente não valem nada. A exclusividade dos Executivos na iniciativa da legislação econômica, e institutos como a fidelidade partidária, decurso de prazo e decreto-lei, fazem deles pouco mais do que tribunos e catadores de eleitorado. Nem por isso a luta óbvia pela devolução das prerrogativas ao Legislativo, que lhes daria de volta o antigo poder, vem encontrando ânimo para ser articulada.

O que se assiste então é igual a nada, ou igual ao acordo entre o PDS e o PTB, que a rigor se explica mesmo pela necessidade do governo ter o controle da sucessão presidencial. De resto está aí o PDS com presidenciáveis para qualquer jogo, seja para a via indireta com consenso ou com disputa, seja pela via direta. O PMDB emperrado. Não tem forças para sair para valer na campanha pelas eleições diretas, mesmo porque seus dirigentes não se arriscam a traçar uma estratégia por mais de três meses, tempo que estimam para os ciclos de estabilidade do atual quadro político brasileiro. O PDT de Brizola, o PTB e o PT, como coadjuvantes, esperam a definição das estrelas principais. Afinal, depois de 19 anos, um ano a mais um ano a menos é quase nada. Após 85 tudo será diferente.